

KENNETH ZEICHNER

Formação de professores:

contato direto com a realidade da escola



• Transcrição e tradução de Carlos Alberto Gohn

O Professor **Kenneth M. Zeichner**, da Universidade de Wisconsin — Madison (Estados Unidos), é um dos mais importantes especialistas internacionais no campo da formação de professores, tendo publicado um conjunto de obras de referência, como por exemplo, *Teacher education and the social conditions of schooling* (em colaboração com Dan Liston); *Issues and practices in inquiry-oriented teacher education* (em colabo-

ração com Bob Tahachnick); A formação reflexiva de professores: Idéias e práticas. Zeichner foi entrevistado em fevereiro em seu gabinete, pelos professores Álvaro Moreira Hypolito, da Universidade Federal de Pelotas, Júlio Emílio Diniz Pereira, da Universidade Federal de Minas Gerais, e Luís Armando Gandin, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que também revisaram e editaram o texto da entrevista.

ENTREVISTA
**KENNETH
ZEICHNER**



O fosso entre ricos e pobres continua crescendo. Em parte, dependendo do nível de renda familiar, ou dependendo, como nos Estados Unidos, da sua cor ou da sua primeira língua, há uma qualidade diferente de escolarização.

PP: Gostaríamos de começar falando sobre Formação de Professores. Na sua opinião, quais os temas mais importantes na educação de professores para o século XXI?

Ken Zeichner: Talvez a grande questão seja preparar professores que possam dar uma educação de qualidade para os filhos das classes populares. Nos Estados Unidos, mas também em outros países, o que vejo é um sistema desigual de escolarização. O fosso entre ricos e pobres continua crescendo. Em parte, dependendo do nível de renda familiar, ou dependendo, como nos Estados Unidos, da sua cor ou da sua primeira língua, há uma qualidade diferente de escolarização. Nós temos mais ou menos 1.200 instituições de Formação de Professores nos Estados Unidos que preparam um número de professores suficiente, mas eles não estão distribuídos de forma adequada. Uma estratégia, então, poderia ser utilizar o sistema tradicional e levá-lo a fazer as coisas de modo diferente. Outra estratégia poderia ser buscar outros tipos de soluções, fora do sistema atual, a fim de preparar profissionais para as escolas onde estão os mais pobres. Temos um grande fosso nos Estados Unidos entre quem vai buscar a profissão de professor e quem são seus alunos. De um lado, quem entra na profissão, em sua maioria, são

mulheres monolíngües e brancas. De outro lado, observa-se um número crescente de estudantes de cor e que tem o inglês como segunda língua. Os professores que estão sendo formados não estão sendo preparados para ir às escolas e serem bem-sucedidos. Certamente este não é um problema restrito ao campo da educação. Há outras pré-condições sociais que precisam ser atendidas para que os professores possam ter sucesso. É preciso ver se eles têm tempo para trabalhar juntos, se as reformas são impostas de cima, ou se os professores podem propor reformas a partir da base. Relacionado a isso, há o isolamento das universidades, distantes das escolas e das comunidades. Muitos professores não estão aprendendo a observar e aprender com as comunidades e a incorporar, de modo positivo, os recursos culturais que as crianças trazem para a escola. Há ainda uma visão de déficit cultural. No entanto, em meus estudos, pude acompanhar exemplos de programas de educação de professores eficazes na preparação profissional para ensinar a todos os alunos. Muitos desses programas são descentralizados da universidade. Pessoas da comunidade, que podem não ser educadores profissionais, são empregadas nesses programas para transmitir conhecimento cultural.

ENTREVISTA

**KENNETH
ZEICHNER**



Acho que os professores devem ser sacudidos, de modo a reexaminar o que eles aprenderam.

A apresentação que lhes fizeram da história foi muito seletiva, ignorando a contribuição de vários grupos.

PP: O que o senhor quer dizer quando se refere a trabalhar fora do sistema e não só dentro dele, de modo a tentar transformá-lo?

Ken Zeichner: Uma de minhas experiências foi como supervisor de estágios num programa que buscava preparar professores para ensinar nas áreas pobres, rurais e urbanas. Os estagiários com os quais eu trabalhava tinham que viver nas comunidades. Se eu pudesse fazer isso aqui, eu faria. O que se tem hoje é uma situação em que pessoas de classe média vêm e, em alguns casos, podem trabalhar em escolas de áreas pobres. Mas elas não vivem lá. Não fazem suas compras lá.

Gloria Ladson-Billings, da Universidade de Wisconsin, importante professora e pesquisadora das relações entre raça e educação, fala sobre professores bem-sucedidos no trabalho com crianças afro-americanas. Parte do que eu vejo no trabalho dela é essa espécie de afiliação com a comunidade. Ela fala sobre esses professores que, mesmo não vivendo nas comunidades, fazem lá as suas compras e lá estabelecem suas conexões. Temos de ensinar as pessoas a fazerem isso. Muitos de nossos estudantes têm pouca experiência intercultural direta. Eles podem ter crescido em Los Angeles e nunca terem ido a comunidades latinas, porque vivem em Beverly Hills ou lugares assim. Eu encontrei a mesma coisa lá na

Namíbia. Há muitos brancos na Namíbia que nunca estiveram no norte. Estão projetando políticas para a educação lá, onde a maior parte das pessoas é negra e pobre.

Então, não é só um problema dos Estados Unidos. Acho que os professores devem ser sacudidos, de modo a reexaminar o que eles aprenderam. A apresentação que lhes fizeram da história foi muito seletiva, ignorando a contribuição de vários grupos. A perspectiva dos negros e da classe trabalhadora, por exemplo, foi deixada de fora, exceto por coisas superficiais, como feriados, comidas típicas, festivais e coisas assim. Se alguém mencionar Paulo Freire aos estudantes, mesmo aqueles que estão avançados no programa de Formação de Professores da Universidade de Wisconsin dirão que nunca ouviram falar dele. Então, o tipo de experiência que o estudante tem é muito limitado. Temos de romper com o sistema atual e buscar outras formas de progredir.

PP: O senhor mencionou o programa da Universidade de Wisconsin – Madison, com o qual o senhor está bastante envolvido. O que este programa apresenta de diferente para atingir os princípios apresentados?

Ken Zeichner: Nós temos uma preparação bastante acadêmica. Incluímos muito mais material relacionado

ENTREVISTA
**KENNETH
ZEICHNER**



Há várias pessoas que escrevem em inglês sobre a Formação de Professores na América Latina, porque não há muitas pessoas nos EUA que podem ler em espanhol, e menos ainda, em português.

com a educação multicultural do que outros programas. Os estudantes são expostos a muitas questões a que eles não seriam expostos na maioria dos outros programas. Mas é ainda muito acadêmico. Eles lêem sobre temas, há pessoas que vêm visitar as salas de aula, mas eles não estão imersos na comunidade.

Um dos programas que eu acompanho é o da Universidade de Indiana, no qual os estudantes vivem em uma reserva indígena dos Navajos, no estado do Novo México, fazendo trabalho comunitário. Uma das experiências mais transformadoras que encontrei nesse programa foi a de uma mulher que passava cada sábado pastoreando ovelhas com uma avó anciã. Ela contou como aquela experiência mudou todas as perspectivas que ela tinha sobre o mundo. Não temos muitas transformações de perspectivas básicas aqui. Temos pessoas adquirindo conhecimentos novos e novas habilidades, mas, em geral, elas não se tornam pessoas diferentes. Acredito que se um racista entrar no programa vai continuar assim ao sair, porque não é suficientemente atingido. Mas há bastante conteúdo sobre educação multicultural, sobre igualdade e justiça social.

PP: Em um artigo sobre novas pesquisas em Formação de Professores, publicado em *Educational*

***Researcher*, o senhor afirmou que "a crescente internacionalização da pesquisa em Formação de Professores é um dos grandes avanços feitos na última década". O senhor poderia falar um pouco mais sobre isso, sobre essas tendências em Formação de Professores em todo o mundo?**

Ken Zeichner: Quando se observam as referências utilizadas nos estudos sobre Formação de Professores feitos nos EUA, dificilmente se encontram trabalhos de outro país. Há, portanto, esse problema sério de um estreitamento de perspectivas. Tem havido, em anos recentes, um intercâmbio entre o Reino Unido, os EUA e a Austrália, mas a América Latina e a África não existem nessas referências. Há várias pessoas que escrevem em inglês sobre a Formação de Professores na América Latina, porque não há muitas pessoas nos EUA que podem ler em espanhol, e menos ainda, em português. Na África, há o aparecimento de uma bibliografia africana sobre Formação de Professores. Tivemos uma coletiva de imprensa, algumas semanas atrás, na Namíbia, acerca de um livro que organizamos sobre a reforma da Formação de Professores. A primeira coisa que o ministro disse na TV foi "essas são as vozes dos africanos e as pessoas em outros lugares têm algo a aprender conosco".

ENTREVISTA

**KENNETH
ZEICHNER**



A formação de professores está ligada quase somente à bibliografia acadêmica. Há muitos cursos que se baseiam em estudar se a aprendizagem é cognitiva ou sociocultural, porém há pouco reconhecimento de teorias produzidas por aqueles que estão na prática.

No que se refere à Formação de Professores, eu diria que a maioria das pessoas nos EUA não foi afetada por essa internacionalização, mas, ao menos na literatura acadêmica, podem-se encontrar artigos sobre a Formação de Professores na Nicarágua, Costa Rica, Chile.

PP: Há uma relação de dependência para os EUA?

Ken Zeichner: Tenho visto uma crescente construção de competências, em certos países, com menos dependência de modelos importados e maior tendência a desenvolver algo próprio. Chile e Namíbia são os dois exemplos mais claros onde não estão, necessariamente, tentando adotar as inovações mais recentes que aparecem no mercado dos EUA. Pacotes são criados nos EUA e, quando o mercado se esgota, eles levam esses mesmos pacotes para a América do Sul, África ou Ásia. A maioria desses pacotes são modelos técnicos de treinamento. A maior parte do trabalho de desenvolvimento de professores na África tem sido assim, com algumas exceções. As coisas estão começando a mudar um pouco, mas não muito. Há a edição em espanhol do *Journal of Teacher Education*, que é um dos principais periódicos, mas é somente o conteúdo do inglês traduzido para o espanhol. Não introduz muita coisa nova e interessante.

Estive no Brasil, em um congresso, e vi uma exibição de livros, há toda uma bibliografia sobre os trabalhos em andamento, e ninguém na América do Norte tem acesso a isso. Em parte é nossa culpa, devido a nossas deficiências no conhecimento de línguas. Mas começa a haver mudanças. Eu próprio, no início de minha carreira, tive de publicar meu trabalho fora dos EUA porque o achavam muito politizado. Então publiquei meu primeiro trabalho no Canadá. Ainda estou um pouco à margem, porque a Formação de Professores nos EUA é muito "certinha". Alguém como eu é visto como uma ameaça ao sistema. O que é bom, porque penso que o sistema tem de mudar.

PP: Em sua opinião, como é possível conectar a Formação de Professores com a pesquisa e a prática?

Ken Zeichner: A formação de professores está ligada quase somente à bibliografia acadêmica. Há muitos cursos que se baseiam em estudar se a aprendizagem é cognitiva ou sociocultural, porém há pouco reconhecimento de teorias produzidas por aqueles que estão na prática.

Nos EUA há milhares de docentes fazendo pesquisa em algo como "pesquisa-ação" ou "ensino com pesquisa". Muitas pesquisas são publicadas, mas quase nenhuma sobre o cur-

ENTREVISTA

**KENNETH
ZEICHNER**



Existem algumas parcerias entre universidade e escola que trabalham buscando novas alternativas, tanto para a preparação inicial quanto para a formação continuada de professores e co-participação em pesquisas.

rículo da Formação de Professores. Os professores fornecem oportunidades para aqueles que estão nas universidades pesquisar, mas não são vistos como fontes de teorias e conhecimento. Algumas pessoas, inclusive eu, estão tentando trabalhar na direção de algo mais equilibrado entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento dos que estão na prática. Trazemos professores para falarem sobre o que sabem, assim como pedimos aos estudantes que leiam coisas que os acadêmicos escreveram. Na verdade, peço a eles que leiam coisas que os professores escreveram. Meu gabinete está cheio de estudos que professores fizeram nas escolas aqui de *Madison*. A idéia é proporcionar aos estudantes uma visão mais ampla. Os professores não são apenas pessoas que têm uma prática, no sentido restrito, mas pessoas que produzem conhecimento sobre educação e que influenciam políticas.

Existem algumas parcerias entre universidade e escola que trabalham buscando novas alternativas, tanto para a preparação inicial quanto para a formação continuada de professores e co-participação em pesquisas. Geralmente, isso ocorre em escolas públicas – eu mesmo trabalhei com quatro das escolas mais pobres de *Madison*. Lá nós temos alguns cursos para futuros professores, nos quais os professores da escola e os professores da universidade

dão aulas juntos para os estudantes da universidade. Tentamos criar uma cultura de pesquisa nessas escolas, com pessoas examinando sua prática. É algo diferente do estudante vindo para as aulas e voltando para casa, é muito mais baseado na escola e no contexto da comunidade em que as escolas estão.

PP: Então o senhor considera que está havendo uma mudança significativa em direção à prática na formação de professores?

Ken Zeichner: A maior parte dos programas de formação de professores dos EUA está indo nessa direção: todos tentando repensar como universidades e escolas podem se juntar para o desenvolvimento profissional de professores. Parte disso pressupõe uma mudança nas universidades, de modo que não haja punição para professores universitários que passam tempo nas escolas e comunidades. Neste momento, temos um sistema em que, quem fizer isso vai destruir sua carreira profissional. A idéia é mudar as regras e, se as pessoas fizerem bem esse papel nas comunidades, elas também terão promoção e conquistarão estabilidade no emprego. A mesma coisa para as pessoas das escolas; elas não são recompensadas por seu envolvimento com a educação de professores. De certa forma, elas sofrem um tipo de ostracismo na sua cultura escolar: "quem você pensa que

ENTREVISTA

**KENNETH
ZEICHNER**



A grande luta na Namíbia atualmente é investir nos profissionais e afirmar a idéia de que não é necessário dar aos professores materiais com scripts, com todos os passos a seguir, pois eles têm cérebros e podem ser criativos, mesmo quando não possuem formação acadêmica.

é, dando aula em um curso de universidade?". Em ambas as culturas, há uma necessidade de olhar as coisas de modo diferente. Além disso, a comunidade deve ser envolvida. O simples fato de estagiários e professores trabalharem juntos, em cooperação, não quer dizer que os pais estejam tendo voz.

Mas existem programas nos quais a comunidade possui um papel destacado e parte significativa dos estudantes está aprendendo a ser professor trabalhando em comunidades, vivendo em comunidades. A tradicional separação entre Formação de Professores e prática, assim como a idéia de que os professores são meros implementadores, e não produtores de conhecimento, estão sendo repensadas. É preciso superar a visão, historicamente dominante, do professor como mero técnico.

Isso não ocorre apenas nos EUA, mas em todo o mundo. A grande luta na Namíbia atualmente é investir nos profissionais e afirmar a idéia de que não é necessário dar aos professores materiais com *scripts*, com todos os passos a seguir, pois eles têm cérebros e podem ser criativos, mesmo quando não possuem formação acadêmica.

PP: Essa idéia está ligada ao conceito de "professor reflexivo"?

Ken Zeichner: Esse é um conceito que tem sido usado em muitos programas nos EUA e crescentemente em ou-

tros lugares. Mas esse conceito tem sido, muitas vezes, implementado de forma mecânica. Eu diria que muito do que tenho falado são idéias não compartilhadas por muitos programas que formalmente aderem à idéia de professores reflexivos. Há programas que usam essa retórica e utilizam pacotes completos, com fitas de vídeo e livros, sobre ensino reflexivo para educação de professores a partir de modelos que reduzem essas idéias a um conceito estritamente técnico. Muito pouco do que eu disse está representado nisso.

Temos de tomar cuidado com a linguagem empregada. Muitos programas falam de educação de professores para justiça social, mas eu sou cético em relação a muitos deles. É muito fácil usar esse tipo de linguagem e é preciso ver o que estão realmente fazendo, onde os estudantes fazem seus estágios, como ensinam, como eles se relacionam com os pais etc. As noções de ensino reflexivo, pesquisa-ação, portfólios e outras, ao menos nos EUA, estão sendo implementadas de forma muito técnica, com noções muito limitadas sobre o papel dos professores. Assim, as minhas idéias não coincidem com o que ocorre, hoje, ao menos nos EUA.

PP: Pode-se usar o conceito de forma diferente?

ENTREVISTA

**KENNETH
ZEICHNER**



A pergunta não é se os professores são reflexivos, mas como estão refletindo e sobre o que estão refletindo. Há uma diferença qualitativa entre refletir sobre racismo, amendoim ou queijo, por exemplo.

Ken Zeichner: Daniel Liston e eu escrevemos dois livros juntos. O primeiro foi sobre o conceito de ensino reflexivo, demonstrando que isso significa coisas diferentes para pessoas diferentes, indo além da simples idéia de que "reflexivo" é sempre bom, porque não é assim necessariamente. Você pode ser mais reflexivo e prejudicar mais as crianças. A pergunta não é se os professores são reflexivos, mas como estão refletindo e sobre o que estão refletindo. Há uma diferença qualitativa entre refletir sobre racismo, amendoim ou queijo, por exemplo. Tentamos ampliar o conceito de ensino reflexivo, de modo que os professores pensem sobre isso e vejam quais são as alternativas.

Parte do que introduzimos é a chamada perspectiva socioconstrutivista, que tende a ser marginalizada na maior parte dos programas nos EUA. Sei que no Brasil é diferente, há mais politização. Foi minha impressão. Todo mundo falava de política.

Nos EUA é o contrário. Ser político é visto como negativo. Não se quer que os professores tenham uma ação política. Tentamos passar a idéia de que todas as coisas têm um conteúdo político, inclusive a reflexão. Esses livros estão circulando muito bem, sendo usados em programas de Formação de Professores em todo o país. Nossa estratégia foi tentar fazer algo não superficial.

A maior parte dos livros para programas de educação de professores tem um tratamento muito superficial de ensino reflexivo, basicamente dizendo que "refletir é bom, e se você é um professor reflexivo, é um bom professor". Isso não faz sentido. Tentamos ir além disso.

PP: **Em um de seus últimos artigos, o senhor afirma que alguns dos trabalhos mais ambiciosos em pesquisa hoje estão sendo feitos em países em desenvolvimento. O senhor poderia dar algum exemplo?**

Ken Zeichner: O melhor exemplo para mim é a Namíbia, onde tenho trabalhado desde 1994. É um trabalho com educadores de professores, professores e estudantes-professores, na produção de conhecimento sobre sua própria prática. A estratégia geral é que o governo quer afastar-se de um sistema de educação sob o controle da África do Sul, que essencialmente mantém os negros em posição inferior. Está tentando implementar o que chamam de uma abordagem mais democrática e centrada no aluno, mais ligada com as comunidades onde os pais tenham voz e vez no que está acontecendo nas escolas. A estratégia para fazer isso é estabelecer uma direção geral e investir em pessoas no nível básico, pessoas que estão na base, de modo a transformar suas práticas.

ENTREVISTA

**KENNETH
ZEICHNER**



Não sou totalmente pessimista sobre o futuro. Temos de lidar com a Formação de Professores numa nova realidade, que inclui testes padronizados, rankings, avaliação, relatórios. Há muita coisa acontecendo nas políticas de educação, no sentido de preparar trabalhadores para a economia global.

Com a pesquisa-ação as pessoas estão tentando compreender o que a aprendizagem centrada no aluno significa na Namíbia, tanto nos programas de Formação de Professores quanto nas escolas. Você não pode dar aulas sobre a importância de envolver os estudantes na sala de aula sem que o mesmo ocorra nas universidades. E assim, em vez de importar dos EUA algum modelo de aprendizagem centrada no aluno (é possível comprar fitas de vídeo de algum modelo americano de aprendizagem centrada no aluno), eles decidiram desenvolver algo em seu próprio contexto, produzindo o que eles chamam "educação baseada no conhecimento da Namíbia". Eles estão criando seu próprio conhecimento em educação, na África. Quando você forma pessoas para ensinar, você tem livros escritos por africanos e pesquisa feita por africanos.

Parte disso é interessante e relevante, mas ainda não é inteiramente africano. Não há muitas oportunidades para publicação lá. Editei um livro apresentando estudos produzidos por eles que mostram tentativas de implementação de educação democrática centrada no aluno. Esse é um exemplo a partir do qual outras pessoas podem avançar, acreditando que essas reformas são melhor descritas por pessoas que fazem o trabalho. Eles estão criando a reforma e implementando-a. Se tomar-

mos um conceito como educação centrada no aluno, com todo o trabalho desenvolvido nos EUA, e se temos uma sala de aula no norte da Namíbia, 80 alunos e poucos livros, não podemos usar o mesmo modelo dos EUA e aplicá-lo naquela realidade. Tem-se de criar algo que faça sentido no contexto da Namíbia.

PP: Nesta época de globalização, com a hegemonia neoliberal e conservadora, o governo do Brasil, como também os de outros países, tem atribuído à educação um papel central para o modelo de desenvolvimento proposto. Como o senhor vê a Formação de Professores nesse contexto?

Ken Zeichner: Neste momento, pelo menos aqui, o governo está tentando usar a Formação de Professores como parte de sua estratégia, que inclui muitas formas de controle e novas demandas. É uma abordagem muito conservadora. Aqui em Wisconsin e em outros estados, temos padrões a serem atingidos e temos que mostrar ao Estado que os estudantes possuem determinadas competências. Mas há muito espaço de manobra. Podemos agir ensinando professores a problematizar, como parte do currículo, essa visão de escola que serve à economia global.

Não sou totalmente pessimista sobre o futuro. Temos de lidar com a Formação de Professores numa nova

ENTREVISTA

**KENNETH
ZEICHNER**



No ambiente da universidade as pessoas não são recompensadas por fazerem um bom trabalho na educação de professores.

Na verdade, há uma espécie de punição para quem utiliza seu tempo nas escolas com os professores.

realidade, que inclui testes padronizados, *rankings*, avaliação, relatórios. Há muita coisa acontecendo nas políticas de educação, no sentido de preparar trabalhadores para a economia global. Apesar disso, vejo muitas possibilidades para a criação de alternativas.

A grande questão é que a Formação de Professores não recebe a importância devida para que se façam as coisas que precisam ser feitas, que podem ser feitas. Não é só um problema de governo ou de políticas que está nos impedindo. Há espaço para fazer o que deve ser feito. O problema é que no ambiente da universidade as pessoas não são recompensadas por fazerem um bom trabalho na educação de professores. Na verdade, há uma espécie de punição para quem utiliza seu tempo nas escolas com os professores. Além disso, a Formação de Professores tem um *status* muito baixo nas universidades. Você não se torna famoso só por fazer um bom trabalho em Formação de Professores. Na maioria dos casos, ficamos com a impressão errada de que o trabalho realmente bom é somente o das pesquisas. Mas isso não é verdade.

Muitas pessoas que pesquisam sobre Formação de Professores não trabalham com Formação de Professores. Eles escrevem coisas interessantes, mas acho que não reconheceriam um Programa de Formação de Professores se esbarrassem num. Claro que há uma

necessidade de olhar as coisas do lado de fora e levantar questões de outro ponto de vista, mas deve existir mais envolvimento das universidades com a Formação de Professores.

PP: Diante de todos esses problemas que estão relacionados com a universidade e as comunidades locais, como o senhor acha que os professores podem formar-se usando essa perspectiva crítica e reflexiva? Quais são as rupturas e os espaços possíveis?

Ken Zeichner: Para isso acontecer é preciso que haja uma conexão estreita entre a Formação de Professores na universidade com as escolas e as comunidades. Não deve haver atividades acadêmicas isoladas, em que as pessoas somente vão para as universidades e assistem aulas sobre mudança social. É preciso estudar as coisas em contexto. Talvez seja essa a maior mudança necessária. Para isso, os professores devem sair da universidade e passar mais tempo nas escolas, as quais precisam estar conectadas com as comunidades. Muitas escolas em áreas pobres são como fortalezas: os professores entram e saem da escola, não vivem lá e não têm compromissos.

Mas isso não requer somente uma mudança individual. A solução não é escolher individualmente professores e dar a eles meu livro *Reflective Teaching* (Ensino Reflexivo). O que fazemos é

ENTREVISTA

**KENNETH
ZEICHNER**



Uma das coisas que tentei fazer ao longo dos anos foi tornar meus textos acessíveis a pessoas que estão se formando como professores. Se as idéias das quais tratamos são tão importantes, devemos ser capazes de apresentá-las de uma maneira que não afaste, automaticamente, parte dos professores.

isso: dar textos que levantam idéias críticas para serem lidos. Isso é o que é feito na maior parte das salas de aula nas universidades. Isso não vai mudar nada. A mudança tem que ser institucional.

PP: Assim como em outras partes do mundo, no Brasil pesquisadores e educadores estão discutindo diferentes visões sobre educação. Como se pode pensar a relação entre a área de Formação de Professores e as visões críticas contemporâneas?

Ken Zeichner: Muito do trabalho crítico atual parece ser compatível com a pesquisa e a Formação de Professores. Mas vejo o mesmo problema de isolamento do qual falei antes em partes desta entrevista.

Na minha última viagem a Namíbia, pediram-me que usasse um longo texto para falar a formadores de professores sobre coisas muito importantes: pós-modernismo, feminismo e o que tudo isso significa para a Namíbia. O que aconteceu é que as pessoas não se empolgaram com aquele texto. A bibliografia acadêmica que trata dessas questões não é, geralmente, dirigida a pessoas que trabalham nas escolas. O que há é uma conversa interna entre acadêmicos. Vejo muitas pessoas – pessoas inteligentes – recusando-se até a ler alguns desses materiais, porque eles estão numa linguagem que elas não

compreendem. Esses textos fazem-nas se sentirem pouco inteligentes. Isso me preocupa, porque uma das coisas que tentei fazer ao longo dos anos foi tornar meus textos acessíveis a pessoas que estão se formando como professores.

Muitas das idéias de autores em educação são extremamente importantes para o dia-a-dia dos professores. Meu projeto tem sido tentar integrar algumas dessas grandes idéias a um contexto prático dos professores, de maneira que eles percebam a relevância disso. Se as idéias das quais tratamos são tão importantes, devemos ser capazes de apresentá-las de uma maneira que não afaste, automaticamente, parte dos professores. ●